

VISÃO DO CORREIO

O socorro exausto

A medicina intensiva existe para cuidar de quem está no limite. O problema é que, cada vez mais, quem cuida também está. O esgotamento de médicos de UTI não é novidade para quem trabalha no setor. É conversado nos corredores, relatado em congressos e documentado em estudos há anos. O que falta, sistematicamente, é que alguém com poder de agir trate o problema como o que ele é: uma crise de gestão, não uma fragilidade individual.

O Inquérito Nacional sobre a Força de Trabalho Médica das UTIs Brasileiras, conduzido pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira (Amib) em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM) e divulgado na última quinta-feira, ouviu 2.338 profissionais em 26 estados e no Distrito Federal. O levantamento revela o tamanho da falência estrutural. Os dados são diretos: 48,5% dos médicos que atuam em Unidades de Terapia Intensiva apresentam alto nível de esgotamento emocional. Outros 31,2% relatam nível moderado. Somados, quatro em cada cinco intensivistas requerem atenção à saúde mental. Apenas 20,3% estão em situação de baixo desgaste.

Os números sobre despersonalização aprofundam o diagnóstico. Pelo menos 45,5% dos intensivistas relatam algum grau de distanciamento afetivo em relação a pacientes e colegas, um comportamento que, segundo a própria Amib, compromete a qualidade do atendimento e se contrapõe à humanização do cuidado. Quando 16% reportam níveis elevados desse distanciamento, a pergunta deixa de ser sobre o bem-estar do médico e passa a ser sobre a segurança do paciente.

O estudo aponta, ainda, um dado revelador sobre especialização: quanto maior o grau de preparo do médico para o ambiente intensivo, menor o esgotamento. A disparidade entre os sistemas público e privado completa o quadro. O médico do SUS enfrenta remuneração menor, mais vínculos empregatícios e infraestrutura mais precária do que o colega da rede suplementar. O resultado é previsível: maior estresse, maior desgaste e menor capacidade de sustentação a longo prazo.

Durante anos, administrações hospitalares e gestores governamentais trataram o sofrimento emocional das equipes médicas como contingência inevitável da carreira. O estudo da Amib e do CFM deixa claro que essa postura tem consequências concretas sobre a qualidade do atendimento. Equipamentos modernos e leitos monitorados perdem eficácia se quem os opera estiver no limite do colapso físico e psicológico.

A reversão desse quadro exige medidas objetivas. Hospitais públicos e privados precisam reestruturar rotinas de trabalho, coibir jornadas excessivas e garantir apoio psicológico contínuo às equipes. Ao poder público cabe valorizar as carreiras médicas no SUS, ampliar residências de qualidade em medicina intensiva e acabar com a prática de escalar generalistas para UTIs por falta de especialistas. A Amib é direta em sua recomendação: a saúde mental dos profissionais não é pauta secundária. É questão prioritária para políticas públicas. Os dados da pesquisa tornam essa afirmação impossível de ignorar.



POR PATRICK SELVATTI
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Histórias que são nossas

Há seis décadas, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro faz algo que vai muito além de exibir filmes: ele ajuda o país a se olhar no espelho. Em um Brasil frequentemente atravessado por crises políticas, econômicas e identitárias, o Cine Brasília permanece como um raro espaço em que diferentes vozes, regiões, gerações e visões de mundo se encontram para narrar quem somos, ou quem poderíamos ser.

Criado em 1965, em plena ditadura militar, o festival sobreviveu a censuras, cortes de recursos, mudanças tecnológicas e transformações profundas no modo de consumir audiovisual. Permaneceu porque entendeu, desde cedo, que o cinema brasileiro nunca foi apenas entretenimento: é memória, documento, debate público e afirmação de identidades.

Os vencedores da 59ª edição reafirmam essa vocação. O delicado *Se eu fosse vivo...*, de André Novais Oliveira, coloca a velhice no centro da narrativa e desafia o etarismo. *Pequenas tragédias*, de Daniel Nolasco, amplia a presença do cinema queer e evidencia como políticas públicas de descentralização permitem que histórias nascidas longe dos grandes centros encontrem público e reconhecimento. Já *Tudo é tempo*, de Marcos Guttman, acompanha brasileiros unidos pelo ato de votar, lembrando, às vésperas das eleições, que a democracia também se constrói por meio das narrativas que compartilhamos.

Em comum, esses filmes têm algo raro em tempos de algoritmos e franquias globais: eles falam do Brasil real. Não do país simplificado pelos estereótipos ou pela lógica do mercado internacional, mas do Brasil complexo, contraditório, afetivo, político e plural.

Por isso, defender a continuidade do Festival de Brasília é proteger um patrimônio simbólico do país. É garantir que novas gerações de cineastas continuem encontrando espaço para existir. É também reafirmar a importância de políticas públicas que financiam a produção audiovisual e democratizam o acesso à criação.

Mas há um ponto que merece reflexão. O entusiasmo que o cinema brasileiro desperta quando um filme disputa o Oscar ou alcança repercussão internacional é legítimo e motivo de orgulho. O problema é quando esse interesse dura apenas o tempo de uma campanha de premiação ou se limita a poucas obras transformadas em fenômenos.

A sobrevivência do cinema brasileiro depende, sobretudo, do espectador comum, que escolhe um filme nacional no streaming, compra ingresso para uma produção independente, frequenta festivais, acompanha curtas-metragens, documentários e obras que, talvez, jamais apareçam entre os assuntos mais comentados das redes sociais. É nesse gesto cotidiano que se forma uma cultura audiovisual sólida.

O Festival de Brasília continua existindo porque artistas, gestores públicos e espectadores entenderam que o cinema é uma construção coletiva. O desafio, agora, é ampliar essa consciência para além dos dias de festa e dos holofotes internacionais. O Brasil produz centenas de filmes todos os anos e muitos deles falam de nós com uma profundidade que nenhuma grande franquia estrangeira seria capaz de alcançar. Prestigiar esse cinema é uma oportunidade de conhecer melhor o país em que vivemos e, talvez, de reconhecer, na tela, histórias que também são nossas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
E-mail: sredat.df@dabr.com.br

PGR

Uma imagem vale por mil palavras! A imagem da confraternização em Londres é um registro social e um símbolo incômodo. Figuras que deveriam manter uma distância institucional aparecem lado a lado bebendo uísque e fumando charutos em clima de confraternização. Dessa maneira, a pressão para a saída do procurador-geral da República não surge por acaso. Surge porque a fronteira entre o público e o privado, entre o cargo e a conveniência, entre a função e a proximidade, fica perigosamente borrada. Fingir que isso não importa aprofunda mais o desgaste.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Sociedade perplexa

Parafaseando o jornalista Boris Casoy: “Isto é uma vergonha!”. Toda a imprensa nacional e internacional acompanha com atenção os acontecimentos que envolvem o Banco Master, Daniel Vorcara e autoridades brasileiras. Independentemente das posições adotadas pelos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), a sociedade já demonstra perplexidade diante das relações e circunstâncias que vêm sendo divulgadas e que precisam ser plenamente esclarecidas. O poder emana do povo e, em seu nome, deve ser exercido com responsabilidade, transparência e respeito às instituições. Evidentemente, qualquer julgamento deve obedecer rigorosamente à Constituição, às leis, às provas e ao direito de defesa, sem se submeter a pressões políticas ou populares. Mas também não se pode ignorar a indignação de milhões de brasileiros diante do que já veio a público. O país necessita de respostas claras para preservar a credibilidade dos Três Poderes e a confiança da população em suas instituições. Que cada integrante de nossa Suprema Corte decida com interesse público.

» **João Coelho Vítola**
Asa Norte

Drones na América do Sul

Estados Unidos enviam drones de ataques contra traficantes na América do Sul. Quando um drone desses dispara, ele mata sem julgamento. A inteligência militar americana costuma ter informações ultrapassadas. Tempos atrás, destruíram uma escola iraniana com crianças assistindo a aulas, porque pensaram que era parte de um complexo militar. No Equador, destruíram uma fazenda leiteira pensando que era um posto de narcotraficantes. É vergonhoso existirem brasileiros coniventes com tanto desrespeito pelo direito internacional.

» **José Marcos Castro Martins**
Brasília

Trump virou censor

O boquirroto e intolerante Donald Trump não perde a mania leviana, torpe e estúpida, de insistir em dar ordens ao Brasil. Trump age como um leão de chácara, tentando, em vão, intimidar o governo brasileiro. O Brasil é soberano, tem leis, normas, povo trabalhador, Constituição democrática e um chefe da nação que não se verga diante de intromissões indevidas de outros países. Trump deveria cuidar do quintal dele e parar de

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opinioao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Abin alerta sobre ação dos Estados Unidos na eleição brasileira. Mas o presidente não fala o tempo todo que está protegendo nossa soberania? Então, também não está dando conta disso?

Paulo Fonseca — Lago Sul

No Brasil, atualmente, é uma coisa ou outra: quem não está envolvido com o Vorcara, certamente está com o Mounjaro.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

PAS faz 30 anos. A Universidade de Brasília segue pioneira em ampliar o acesso ao ensino superior. O vestibular para os idosos é outro exemplo de sucesso. Parabéns, UnB!

Fernanda Moura — Asa Norte

Times de futebol dizem que não conseguem se manter sem o dinheiro das bets. Então, que se danem as famílias. Primeiro, os negócios. Depois, os seres humanos!

Bruna Mendes — Taguatinga

meter o nariz onde não é chamado. Não satisfeito com o rosário de destrambelhos que comete, agora meteu de vez os pés pelas mãos. Virou censor. Proibiu o acesso da CNN e de outros veículos na Casa Branca. A estupidéz fere a constituição norte-americana envergonha o cargo e enxovalha a democracia.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Bicicletas elétricas

É urgente a necessidade de mais rigor na atual regulamentação para os condutores das chamadas bicicletas elétricas, veículos que, pelas características, potência e velocidade que muitas apresentam, já não podem ser equiparados às bicicletas convencionais. Não se pretende proibir seu uso, mas estabelecer regras claras que garantam maior segurança a condutores, pedestres, ciclistas e motoristas. É necessário discutir limites de velocidade, critérios para circulação, uso de equipamentos de segurança e responsabilidade dos condutores diante dos riscos que esses veículos podem representar. Regular com mais rigidez não significa restringir o direito de ir e vir, mas proteger vidas e garantir uma convivência mais segura e responsável nas vias públicas.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mudo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br